

ACAFA

Nº 4 (2011)  On-line

**MANUEL SARNADINHA
E A BICICLETA AQUÁTICA
(VILA VELHA DE RÓDÃO)**

**Manuel Sarnadinha
and the aquatic bicycle
(Vila Velha de Ródão)**

Francisco Henriques e João Carlos Caninas



Vila Velha de Ródão, 2011

**MANUEL SARNADINHA
E A BICICLETA AQUÁTICA
(VILA VELHA DE RÓDÃO)**

**Manuel Sarnadinha
and the aquatic bicycle
(Vila Velha de Ródão)**

Francisco Henriques e João Carlos Caninas¹

Palavras-chave

Manuel Sarnadinha, bicicleta aquática, Vila Velha de Ródão.

Key words

Manuel Sarnadinha, aquatic bicycle, Vila Velha de Ródão.

Resumo

A partir de uma fotografia, conta-se um pouco da estória do senhor Manuel Sarnadinha e da bicicleta aquática que idealizou, construiu e experimentou no rio Tejo, em 1950.

Abstract

From a photograph, we tell a bit about the story of Mr. Manuel Sarnadinha and the aquatic bicycle that he designed, built and tested in the river Tagus in 1950.

¹ Da Associação de Estudos do Alto Tejo.

Introdução

Há alguns anos o Senhor Alexandre Martins, de Fratel (Vila Velha de Ródão), ofereceu-nos uma belíssima fotografia que identificava como sendo o “ti Manel Sarnadinha”. O documento fotográfico ter-lhe-ia sido oferecido pela Dr^a. Andrea Paula.

A fotografia encantou-nos e pensámos divulgá-la. Mas seria muito pobre publicar apenas a fotografia com uma simples legenda. Então desafiamo-nos a recolher algumas notas acerca do retratado e são os resultados desse desafio que agora apresentamos.

O feito do Senhor Manuel Sarnadinha, ocorrido na manhã de 22 de Outubro de 1950, ficou profundamente marcado na nossa população, mesmo apesar do fracasso. Ou talvez até por isso. Como é que um homem com quase 75 anos reúne energia e criatividade para conceber, construir e lançar ao rio uma bicicleta aquática.

Neste texto, daremos maior atenção ao feito, à máquina e à criatividade da pessoa em apreço do que aos pormenores da sua vida pessoal.

Este registo muito simples é mero pretexto para não deixarmos cair no esquecimento a criatividade, a vontade e a determinação da nossa gente.

Agradecemos às pessoas que connosco colaboraram, porque sem o seu saber o documento ficaria mais pobre.

Quem foi Manuel Sarnadinha

O Senhor Manuel Martins dos Santos nasceu pelas duas horas da manhã do dia 14 de Dezembro de 1875 na povoação de Sarnadinha (Vila Velha de Ródão), daí ser conhecido por Manuel Sarnadinha.

Era filho de Joaquim Martins Carpinteiro² e de Ana Lopes, residentes em Sarnadinha. Era neto paterno de José Martins e de Maria dos Santos, ambos de Oleiros. Do lado materno era neto de José Ribeiro Grilo e de Ana Lopes, de Montes da Senhora - Sobreira Formosa, no actual concelho de Proença-a-Nova.

² Também conhecido como Ti Sarnadinha. Teve a concessão da passagem do rio Tejo, em Ródão, antes da construção da ponte rodoviária (inf. de João Dias Caninas).

MANUEL SARNADINHA E A BICICLETA AQUÁTICA (VILA VELHA DE RÓDÃO)

Francisco Henriques e João Carlos Caninas

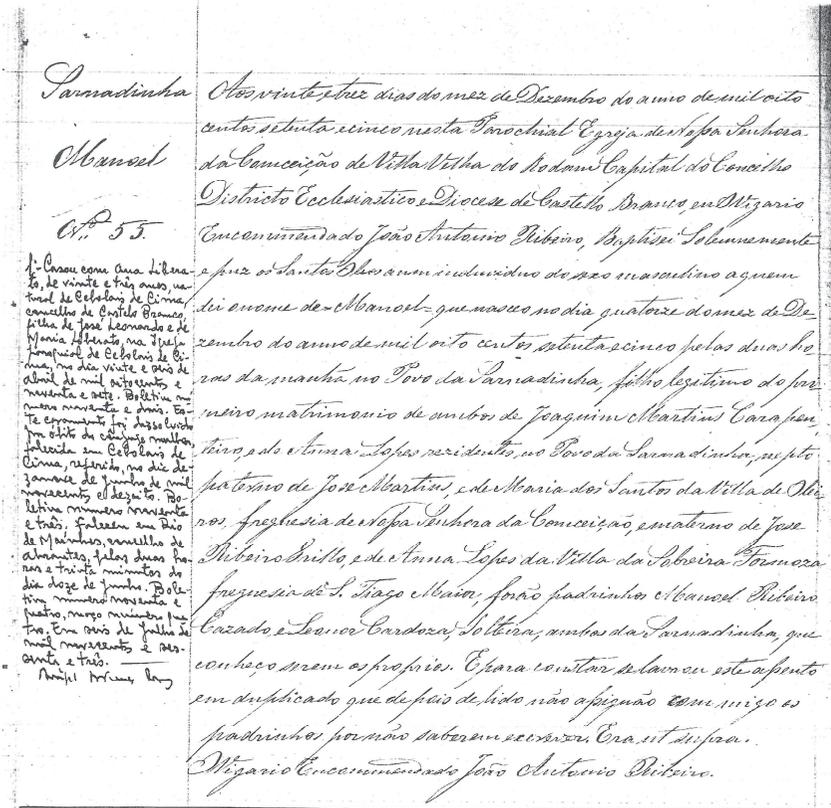


Figura 1. Registo de nascimento de Manuel Martins dos Santos, com averbamentos do seu casamento, óbito da esposa e dele próprio (fonte: Arquivo Distrital de Castelo Branco)

Foi baptizado em 23 de Dezembro de 1875 na Igreja da Nossa Senhora da Conceição, em Vila Velha de Ródão, e foram padrinhos Manuel Ribeiro, casado, e Leonor Maria, solteira, ambos de Sarnadinha.

O registo de baptismo (Figura 1) foi assinado apenas pelo vigário encomendado, João António Ribeiro, porque os padrinhos não sabiam escrever.

No livro de registo de baptizados de 1875 é o número 55.

Casou na igreja paroquial de Cebolais de Cima, em 26 de Abril de 1897, com Ana Liberato, de 23 anos de idade, natural da mesma localidade. Ana Liberato era filha de José Leonardo e de Maria Liberato.

Deste casamento nasceu a única filha, de nome Isabel, que veio a ser professora em Rio de Moinhos (Abrantes), durante muitos anos e com residência em Amoreira.

Este casamento foi dissolvido por óbito de Ana Liberato, em Cebolais de Cima, no dia 19 de Junho de 1918. O óbito terá ocorrido aquando da estada de Manuel Sarnadinha na América (Estados Unidos da América do Norte).

MANUEL SARNADINHA E A BICICLETA AQUÁTICA (VILA VELHA DE RÓDÃO)
Francisco Henriques e João Carlos Caninas

Não terá feito um segundo casamento mas sempre viveu com uma mulher / empregada, em casa. Segundo um dos informantes “*ele teve muitas mulheres, mas esta dona Maria [a que aparece na foto] foi a que mais tempo esteve com ele*”. A primeira que arranjou lá para casa terá falecido de uma pneumonia. “*Foi a um funeral e molhou-se*”.

Manuel Martins dos Santos depois de sair de Ródão terá ido para a Amoreira, para junto da filha, onde esta constituiu família, mas vivia de modo independente com uma senhora. Acabou por falecer em Amoreira, Rio de Moinhos (Abrantes), em 6 de Julho de 1963.

Manuel Martins dos Santos tinha dois outros irmãos Augusta Lopes (Figura 2) e Fernando Martins dos Santos. Cremos que este último já terá nascido em Ródão e também emigrou para a América.



Figura 2. Fotografia de Augusta Lopes num almoço campestre na Revessa - Porto do Tejo, sem data (fotografia gentilmente cedida pelo neto Joaquim da Conceição Caninas e bisneto Osvaldo Pecanha Caninas).

Traços da sua personalidade

Era um homem de estatura mediana, segundo João das Dores.

Era uma excelente pessoa, um grande falador e sempre bem disposto. “Falava daquelas coisas da América. Toda a gente adorava o Manuel Sarnadinha. Era bem visto na povoação”.

“Era um homem considerado endinheirado, porque na época quem vinha da América era pessoa abonada”. Mas segundo um dos informantes “nunca vi o senhor aí com luxos. Mas não tinha profissão aqui. Também já tinha uma certa idade. Talvez já estivesse reformado”, acrescentou. “Ele tinha uma vida boa para se poder dedicar a fazer estas coisas”. “Tinha uma vida folgada”. (João das Dores)

“Era uma pessoa enérgica, dinâmica, algo extravagante e com certa tendência para fazer experiências.” (João Dias Caninas)

“O meu pai [João Lopes Caninas] achava-o um homem muito inteligente, muito além do seu tempo.” (Joaquim da Conceição Caninas)

Manuel Sarnadinha, emigrante

Temos pouca informação acerca do período em que foi emigrante.

No Livro de Registos de Passaportes do Fundo do Governo Civil de Castelo Branco (livro nº 5 – 1913 a 1915 e sob o nº 51) encontrámos (Figura 3) a concessão de passaporte a Manuel Martins dos Santos, para a América do Norte, datada de 11 de Setembro de 1915.

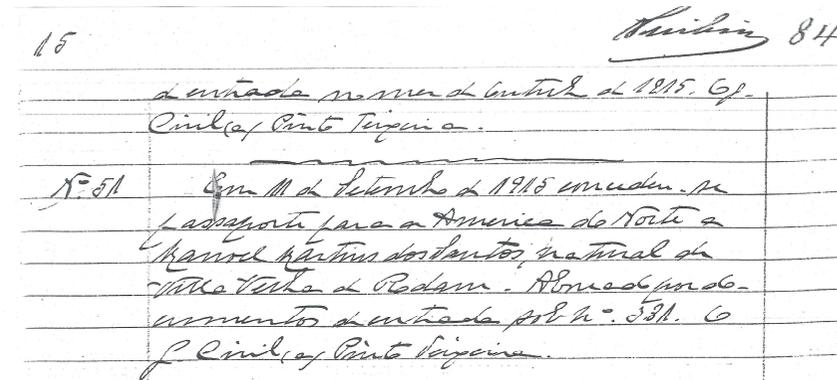


Figura 3. Registo do passaporte de Manuel Martins dos Santos (fonte: Arquivo Distrital de Castelo Branco).

É provável que tenha emigrado na companhia de João Rodrigues Duarte, de Cebolais de Cima, em virtude dos passaportes terem a mesma data, registo nº 52, o mesmo destino e a esposa de Manuel Sarnadinha ser de Cebolais.

No sítio www.ellisland.org encontra-se registo da entrada nos EUA do português Manuel dos Santos, também nascido em 1875, que ali teria aportado em 19 de Maio de 1919 no navio Charles Pratt, proveniente do porto mexicano de Palo Alto. Não nos parece que corresponda ao protagonista deste apontamento.

Como atrás referido, estava emigrado no EUA quando morre a mulher, em 19 de Junho de 1918, e nunca mais contraiu matrimónio.

Quanto à profissão que exerceu na América, julga-se que terá sido carpinteiro.

Mostrava, aqui em Ródão, com alguma vaidade, um espelho que tinha em sua casa, trazido da América, no qual fora gravado um busto humano, com traço profissional, e no canto inferior direito deste espelho, numa área aproximadamente, de seis centímetros por seis centímetros,

havia uma tentativa de cópia da figura maior mas de traço muito tosco. Terá ele também trabalhado o vidro?

Dizia que tinha recebido um prémio na América.

A sua estada em Ródão

A residência do Senhor Manuel Martins dos Santos era no Bairro Alto, em Vila Velha de Ródão (Figura 4). Actualmente, a casa tem o número de polícia 1158 e 1166, da rua da Estrada nº 18.

Terá sido projectada e mandada construir por ele.

É uma casa com dois corpos cujas fachadas estão voltadas para a estrada principal. Cada um dos corpos tem entradas, independentes, voltadas para a estrada e para o quintal (lado sul). O corpo principal tem o nº 1158 e o anexo do lado Este, mais recuado relativamente ao principal, o nº1166.

São casas de rés-do-chão, relativamente pequenas, com telhados de duas águas. Têm um pequeno quintal onde existe um poço. Do exterior

pode entrar-se directamente para este quintal através de um portão existente no lado Oeste do corpo principal da casa.



Figura 4. Casa onde viveu Manuel Martins dos Santos em Vila Velha de Ródão.

Tivemos informação que o corpo menor da construção (nº 1166) teria sido construído, posteriormente, sendo destinado à empregada.

Em 1963, ano da sua morte, surge na Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão um pedido de autorização para a construção de um muro e em 1964 existe um outro pedido para a construção de duas casas de banho.



Figura 5. Poço para o qual Manuel Sarnadinha terá deitado a bicicleta, actualmente revestido com placa de cimento.

O poço existente no quintal (Figura 5), para o qual dizem que deitou a bicicleta depois do insucesso, está actualmente tapado com placa de cimento. Entretanto, o seu actual proprietário informou-nos que o seu pai o esvaziou, várias vezes, para o limpar e nada encontrou no fundo do poço.

Actualmente a casa tem novos proprietários. Por volta de 1963, após a sua morte, a família Durão alugou a casa à filha do Senhor Manuel Sarnadinha. Em 1971 ou 1972 esta propôs-lhe a compra da casa, o que veio a acontecer, passando de vez para a família Durão.

O seu irmão morava uns metros mais acima, também do lado sul da estrada. Entre um e outro só residiam os carpinteiros.

O sonho de Manuel Sarnadinha

O sonho de Manuel Sarnadinha era ir até Lisboa na sua bicicleta aquática. Mas, porquê até Lisboa? Em resposta a esta questão encontrámos duas versões. A primeira, defendida por pessoas que privaram muito com ele e mesmo familiares, *“era ir até Lisboa. Ele falava disso. Quando isto estiver aqui a funcionar um dia vou pelo rio abaixo até Lisboa. Vais ver que me vão fazer uma recepção no Terreiro do Paço”* terá dito a João das Dores. A segunda versão indica que iria *“até ao Terreiro do Paço, para levar uma missiva a Salazar”* (Alexandre Martins). *“A ida a Lisboa era só para mostrar originalidade, nunca lhe ouvi falar que fosse levar uma carta a Salazar”* (João Dias Caninas).

Outro informante confirma esta última versão: *“ele só dizia: vais ver a minha entrada no Terreiro do Paço e a recepção que me vão fazer”* (João das Dores).

A bicicleta aquática

Manuel Sarnadinha designava-a de “bicicleta aquática”, ou a maior parte das vezes era a “bicicleta” (João das Dores).

Construiu a bicicleta no quintal da sua casa mas quando precisava de qualquer ferramenta *“lá ia a mulherzinha que trabalhava lá em casa, género criada ou empregada. Ela não fazia outra coisa que andar para trás e para a frente. O ti João Lopes Caninas, que era sobrinho, quase não fazia outra coisa que andar à procura das ferramentas que ele queria”*.

A oficina do João Lopes Caninas (Figura 6) ficava a poucas centenas de metros da residência de Manuel Sarnadinha. Ocupava os actuais nºs 20 e 24 da rua da Liberdade, em Vila Velha de Ródão, hoje transformada em casa de habitação. O espaço hoje ocupado pelo nº 20 era o local de

MANUEL SARNADINHA E A BICICLETA AQUÁTICA (VILA VELHA DE RÓDÃO)
Francisco Henriques e João Carlos Caninas

ferragem dos animais. O nº 24 era a oficina propriamente dita. O ofício herdara-o de seu pai Manuel Martins Caninas, algarvio que aqui se estabeleceu como ferreiro³ e ferrador aquando da construção da linha de caminhos-de-ferro da Beira Baixa e casou com Augusta Lopes, irmã de Manuel Martins dos Santos.



Figura 6. Local da antiga oficina (primeiro plano) e do espaço do *tronco*, de João Lopes Caninas, actualmente transformado em residência (Vila Velha de Ródão).

³ Antes de se fixar em Ródão trabalhara como ferreiro nas minas de São Domingos e nas minas de Aljustrel (João Dias Caninas).

“O *projecto foi todo dele*”, disse-nos o senhor João das Dores. A motivação que o terá levado a construir a bicicleta é desconhecida. Mas acrescentou o mesmo informante: “será que ele terá visto alguma máquina na América nalgum espaço de diversões ou foi mesmo ideia dele?”

E “*ele só vinha aqui [à oficina] para fazer perfurações ou fazer as soldaduras dos tambores herméticos e dizia do que precisava. Ele era muito preciso naquilo que queria*”.

“- Oh João [das Dores] *soldas-me aqui isto ou arranja-me um parafuso de tantos milímetros. O sobrinho dele já não tinha paciência para o estar a aturar e então eu fazia-lhe as vontades*”.

“*Era eu que lhas fazia [as soldaduras], porque o Ti João Caninas comprou a máquina de soldar mas fui eu que aprendi. Nós aqui tínhamos soldadura de autogénio, mas na altura não tínhamos soldadura eléctrica*”.

“*O quadro da bicicleta era de uma bicicleta normal, os quadros na altura eram muito resistentes*”. Foi ele que arranjou a chapa. As pequenas pás

soldadas nos tambores estavam fixas de modo a entrarem bem na água.

“Os tambores de trás é que tinham a cremalheira. A corrente dos pedais ia ao eixo das rodas detrás. Os dois tambores, de trás, é que impulsionavam a bicicleta, o da frente era só para guiar” (João das Dores).

Quanto ao transporte para a Reversa os informantes não souberam esclarecer de que modo foi feito. O Senhor João das Dores acrescentou *“mas havia aí duas juntas de bois, a do ti Zé Grilo e a do Ti Raimundo.”*

A fotografia

A fotografia (Figura 7) que deu origem a esta estória foi obtida no lugar da Reversa (Porto do Tejo), numa via que acedia ao rio e ao muro de sirga, na manhã de 22 de Outubro de 1950, dia do evento. O lugar encontra-se actualmente submerso, em consequência da construção da barragem de Fratel.

A fotografia foi obtida momentos antes do lançamento da bicicleta à água.

Num primeiro plano e no centro da fotografia observa-se Manuel Sarnadinha montado na bicicleta, e em pose apropriada a este registo, para memória futura.

O protagonista, quase com 75 anos, veste fato de macaco, camisa clara e gravata. Em redor do tronco observam-se várias placas rectangulares de cortiça, fixadas com fios, formando um colete flutuador.

A bicicleta, junto do rio e preparada para ser lançada à água, integra três rodas flutuadoras e um quadro de bicicleta muito reforçado. Os flutuadores, em forma de barril, encontram-se travados com pedras para não deslizarem para a água.

Num segundo plano encontra-se um “cobo”, mal conservado, e uma senhora sentada sobre o muro do cais, junto do rio. A senhora está vestida de escuro, tem lenço atado sobre a cabeça, comum às mulheres da região, e segura nas mãos algo que parece um chapéu. Parece ser esta a senhora que vivia, na altura, com Manuel Sarnadinha. O chapéu que segura nas mãos seria dele?

MANUEL SARNADINHA E A BICICLETA AQUÁTICA (VILA VELHA DE RÓDÃO)
Francisco Henriques e João Carlos Caninas



Figura 7. Manuel Martins dos Santos na Reversa (Vila Velha de Ródão) minutos antes de se lançar ao rio.

Detrás desta mulher há um monte de areia com uma pá, decerto materiais associados às obras que este espaço parece ter sofrido há pouco tempo? Também se observam entulhos, onde assenta o cobo, e muros que parecem novos ou recuperados, à esquerda e à direita da fotografia.

Num terceiro plano observa-se um automóvel preto e o pilar da margem direita da ponte. O carro não pertencia a Manuel Sarnadinha. Não conseguimos identificar o proprietário deste veículo.

Na tentativa de identificar o modelo solicitou-se colaboração ao Automóvel Clube de Portugal. Apesar da má qualidade da fotografia e do número de modelos semelhantes existentes naquela época, foi-nos prontamente comunicado que poderá ser um modelo Austin A 40 Devon, de 1948/50, ou um Hilman Minx.

Segundo opinião obtida junto do Museu do Caramulo, e com reserva inerente à qualidade deficiente da fotografia, poderá tratar-se, de um *“Wolseley ou outro carro inglês dos anos 40.”*

Impacto na Imprensa

Este acontecimento teve repercussão na imprensa regional, mas foi unicamente registado no jornal a Beira Baixa, de 21 de Outubro de 1950, nº 695, ano 14, na página 2.

Aparece sob o título DE VILA V. de RÓDAM que dá notícia da eleição da junta de freguesia para o quadriénio 1951-1954.

O conteúdo da notícia é o seguinte: *“está marcado para o dia 22 de manhã a experiência no Rio Tejo, junto à ponte inter-provincial, de um “Triciclo Aquático” (Grande Aventura) executado pelo seu inventor, Sr. Manuel Martins dos Santos (Sarnadinha) residente no Porto do Tejo, que depois segundo diz, fará a viagem no mesmo”.*

Nas Actas da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, relativas aos meses de Outubro e Novembro de 1950, não existe qual menção a este acontecimento.

O desfazer do sonho

Entrou no rio Tejo na área da Revessa, como escrevemos, durante a manhã.

“Assisti à partida dele. Primeiro fui à Revessa, depois passei para a ponte. Havia bastante gente a assistir. Mas nem toda a gente tinha disponibilidade de lá ir, porque trabalhavam no campo. Em cima da ponte do Tejo havia muitas pessoas com ramos de flores e quando o Manuel Sardinha passou deitaram-lhe as flores” (João das Dores).

“O Ferreiro mais o Cacetadas (António Carmona Castelo) é que levaram a coisa ao extremo ao fazerem uma festarola, até com flores” (João Dias Caninas).

Na Revessa, mal entrou na água houve problemas, *“não se equilibrou”*. Mas mal passou a ponte *“entrou em remoinhos, que os havia logo a seguir à ponte e caiu do triciclo”*, quase se afogou.

A provável causa do insucesso da bicicleta terá sido o facto de ser um triciclo e não um quadriciclo, diminuindo assim a sua estabilidade. *“Devia haver também dois tambores à frente”*, dizia um informante ou,

segundo outros, terá sido o *“excesso de peso. Aquilo tudo era à base de ferro”*. A terceira falha é que *“devia ter feito um ensaio, para ver se funcionava bem”* e confirmava. *“A mim parecia-me que devia ter feito uma experiência num lagozinho, pouco fundo. Mas ele era corajoso. Ele tinha a certeza que a obra dele ia produzir efeito. É natural que precisasse de qualquer alteração, a coragem dele de se meter ao rio com a bicicleta”* (João das Dores).

“Ele deve ter ficado desencorajado com a coisa, que aquilo não correu muito bem. Depois retirou-a [a bicicleta]. As pessoas riram-se e talvez por isso ele tivesse ficado mais triste. Ele ficou desanimado com isso e com a atitude das pessoas. As pessoas não o encorajaram a melhorar a experiência” (João das Dores).

“Depois, aquele entusiasmo da bicicleta esmoreceu. E eu também não queria falar do assunto e falava-se depois que ele atirou a bicicleta para o poço da casa dele. Isso falava-se na altura” (João das Dores).

“Voltamos tristes, pois meu pai gostava muito do seu tio, achando-o um homem muito inteligente, muito além do seu tempo” (Joaquim da Conceição Caninas).

“*Senti orgulho no Manuel Sarnadinha*” (João das Dores).

<http://www.ellisland.org/>

Fontes de informação

Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, livro de Actas de 10 de Dezembro de 1947 a 25 de Outubro de 1951.

Jornal Beira Baixa, 21 de Outubro de 1950, nº 695, ano 14, p. 2.

Livro de Baptismos de 1875 de Vila Velha de Ródão, folha 17 – frente, Arquivo Distrital de Castelo Branco.

Livro de Registo de Passaportes do Fundo do Governo Civil de Castelo Branco, livro nº 5 (1913 -1915), maço 277, do Governo Civil de Castelo Branco, folha 84 – frente, Arquivo Distrital de Castelo Branco.

http://www.classiccarportraits.co.uk/images/Austin_A40_Devon_47_52.jpg

http://www.oldclassiccar.co.uk/hillman_minx.htm>

Agradecimentos

Pela colaboração e informações prestadas no âmbito da elaboração desta nota, manifestamos os nossos agradecimentos aos senhores: Abílio Farto das Neves; Alexandre Martins; David Durão; Francisco Belo Morgado (bisneto de Manuel Martins dos Santos); Joaquim da Conceição Caninas (sobrinho-neto de Manuel Martins dos Santos); João Dias Caninas (sobrinho-neto de Manuel Martins dos Santos); Osvaldo Pecanha Caninas (sobrinho-bisneto de Manuel Martins dos Santos); João das Dores Neves; Leonel Mota; Pedro Louro, do Automóvel Clube de Portugal; Tiago Patrício Gouveia, do Museu do Caramulo; Isabel Vasconcelos e Mónica Vieira.